

HISTÓRIA E ARTE
imagem e memória

Maria Bernardete Ramos Flores
Patricia Peterle
(organizadoras)

HISTÓRIA E ARTE
imagem e memória

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

História e arte : imagem e memória / Maria Bernardete Ramos Flores, Patrícia Peterle, (organizadoras). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2012.

Apoios institucionais: Capes e CNPq

Vários autores.

ISBN 978-85-7591-231-7

1. Arte 2. Arte e literatura 3. Arte – História 4. Arte – Linguagem 5. Artes visuais 6. Estética 7. Imagem (Filosofia) 8. Imagem (Filosofia) – História I. Flores, Maria Bernardete Ramos. II. Peterle, Patrícia.

12-09938

CDD-709

Índices para catálogo sistemático:

1. Imagem : História e arte 709

Conselho Científico:

Maria de Fátima Costa – UFMT

Tânia Regina de Luca – Unesp/Assis

Esta obra é resultado do IV Colóquio de História e Arte: Imagem e Memória, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, entre os dias 27 e 29 de setembro de 2011. Contou com o apoio da CAPES e do CNPq.

capa: Vande Rotta Gomide

imagem da capa: *Porteña en el templo.*

Raymond Auguste Quinsac Monvoisin. 1842.

Óleo sobre tela, 156 cm x 142 cm.

Coleção particular.

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS EDIÇÕES E LIVRARIA LTDA.

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

OUTUBRO/2012

Conforme as novas normas ortográficas do

Decreto Legislativo nº 54 de 18 de abril de 1995

IMPRESSÃO DIGITAL

– IMPRESSO NO BRASIL –

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Sumário

Apresentação	9
------------------------	---

Conferências

O que é a imagem dialética?	21
<i>Jeanne Marie Gagnebin</i>	

Aparições e eclipses do mito de Ulisses na civilização latino-americana	35
<i>José Emilio Burucúa</i>	

Imagem e memória: a arte da montagem

1. O museu das insignificâncias: a memória, a arte e os restos da derrota	75
<i>Maria Angélica Melendi</i>	
2. A reabilitação da serpente no criollismo de <i>Xul Solar</i>	89
<i>Maria Bernardete Ramos Flores</i>	
3. Duchamp soube viver: Bispo morrer	109
<i>Fernando Chiquio Boppré</i>	

La cautiva: imagem e texto

4. Espectrografias da nação: o “eu” e o “outro”
no discurso fundacional da Argentina 125
Fábio Francisco Feltrin de Souza
5. Mulheres cativas na pintura
de Raymond Monvoisin 139
Maraliz de Castro Vieira Christo
6. “Sueños brillantes de la inquieta fantasía”:
fronteiras, espaços e tradições literárias a partir
de *La Cautiva* de Esteban Echeverría (1837) 151
José Alves de Freitas Neto

Imagem, museu e memória

7. O Palácio Capanema: da charge
a monumento nacional 167
Maria de Fátima F. Piazza
8. A História da Arte na ausência da Imagem
da Arte: uma questão para acervos museológicos
contemporâneos 187
Emerson Dionísio Gomes de Oliveira

Imagem cênica e memória

9. Registros Cênicos: subsídios
para a construção da cena 201
Vera Regina Martins Collaço
10. Memória e imagem – registro da
cena narrativa em vídeo 223
Maria Helena Werneck
11. Iconografia teatral: novos discursos
para a história da cena 235
Filomena Chiaradia

Memória e testemunho – imagens da violência

12. Memória e ressemantização da Resistência:
as imagens literárias de Elio Vittorini 253
Patricia Peterle F. Saturbano
13. A cena do crime –
um palco do contemporâneo 271
Karl Erik Schøllhammer

Memória e testemunho: cinema e literatura

14. Memória e testemunho:
cinema, literatura e história 289
Adriano Luiz Duarte
15. Partilhas do real, paisagens do comum 303
Alexandre Montauray

Entrevistas

16. Sobre memória, linguagem e teoria da
História: entrevista a Jeanne Marie Gagnebin 317
*Arnaldo Haas Júnior, Eduardo Gomes Silva,
Joaquim Azevedo Sobrinho e Ricardo Machado*
17. Literatura, imagem e o contemporâneo:
entrevista com Karl Erik Schøllhammer 331
*Arnaldo Haas Júnior, Eduardo Gomes da Silva,
Joaquim Azevedo Sobrinho, Oscar Gallo Vélle e
Ricardo Machado*

SOBRE OS AUTORES 353

Apresentação

[...] a imagem tem frequentemente mais memória e mais futuro que aquele que a olha.

Didi-Huberman, *Devant le temps. Histoire de l'art et anachronisme des images*, 2000.

O que devemos fazer com nossas imaginações? Amá-las, acreditar nelas a tal ponto de as devermos destruir, falsificar [...]

Giorgio Agamben, *Profanações*, 2007

O recente debate epistemológico, em diferentes áreas, vem apontando para um esgotamento do modelo unitário e totalizante. De fato, é possível verificar e acompanhar (e isso fica claro num rápido levantamento bibliográfico) as revisões nos diversos âmbitos do conhecimento que têm colocado em cheque os paradigmas evidenciados pela modernidade e, por conseguinte, problemáticas relativas ao tempo, à memória e à imagem.

Uma visão de progresso e sucessão dá lugar à ideia de sobreposição, distanciando-se assim da noção de tempo evolutivo. Os estudos do historiador alemão Aby Warburg, vale a pena lembrar aqui o conceito de *pathosformal*, inauguram não só uma nova percepção e entendimento do Renascimento, mas evidenciam ainda a presença de tempos e memórias distintos nas imagens, traços e rastros

do passado no presente. Nesse sentido, o passado não é um tempo no qual é possível colocar um ponto final, ao contrário, ele sobrevive por meio de várias recorrências.¹ Ele é uma presença na ausência.

Diante de uma imagem, estamos diante do tempo, afirma Georges Didi-Huberman. A imagem, segundo ele, favorece a sobreposição e o cruzamento de vários tempos e é capaz, portanto, de propiciar uma rede invisível de tempos (não linear). O passado, como uma obra de arte, não é fixo, imóvel; na verdade, ele está a todo o momento se reconfigurando devido aos diferentes tempos. Eis aqui toda a discussão levantada no livro *Devant le temps. Historie de l'art et anachronisme des images* (2000) sobre o anacronismo, que passa a ter novos contornos e significados. Anacrônico e contemporâneo, ao mesmo tempo. Nessa perspectiva, passa a ser questionada a visão da imagem como mimese, ou cópia de algo. “O que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha” (Didi-Huberman 1998, p. 29).

A noção de anacronismo implica uma plasticidade, uma dinâmica, e, logo, a imagem não deveria mais ser limitada pelo olhar de seu tempo. Didi-Huberman é também leitor de Walter Benjamin, cujo pensamento dialético atribui outros contornos à concepção de história – basta pensar nas *teses* e na descrição do anjo da história: “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’” (Benjamin 1994, p. 229). Os estudos do pensador francês sobre a imagem e suas potências continuaram em obras como *Images malgré tout* (2003) e mais recentemente *Écorces* (2011).

Todas essas questões e problemáticas foram debatidas no IV Colóquio de História e Arte, organizado pelo Grupo de Pesquisa do CNPq “História e Arte” e pela linha de pesquisa *Políticas da Escrita, da Imagem e da Memória* do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), realizado nos

1. A esse respeito é interessante lembrar o *Atlas da memória* (1924), os famosos painéis de Warburg que permitem por meio da montagem, do jogo, estabelecer associações e articular de forma inovadora uma série de elementos, antes não considerados.

dias 27, 28 e 29 de setembro de 2011.² O tema central, *Imagem e memória*, foi um convite aos pesquisadores, professores e alunos para refletirem sobre as últimas discussões no campo da historiografia e da arte, além das experiências historiográficas advindas das concepções acima colocadas que têm como consequência não ver ou abordar a imagem apenas como uma ilustração, um adereço, do texto, mas sim como um acontecimento possível de ser pensado, mediante uma instância interpretativa, cujo conhecimento exige mudanças na relação sujeito-objeto.

Dessa forma, retomando algumas colocações, o sujeito é memória, um banco vivo de memória, pensamento que leva a uma concepção de história que se afasta, como já apontado, da cronologia linear e descobre no anacronismo, as tessituras da história e as permanências de certas formas expressivas.

A presente coletânea com palestras dos professores convidados a participarem do *IV Colóquio História e Arte* pretende deixar um registro, dentro dos limites possíveis, dos intensos debates propiciados pelos dezessete ensaios e as duas entrevistas finais que compõem esse volume. Textos, enfim, que perpassam pela teoria da imagem e pelas análises de obras provenientes das mais diferentes manifestações artísticas, literatura, cinema, artes plásticas, pintura, teatro, charge.

Os primeiros dois textos são as duas conferências do evento. Jeanne Marie Gagnebin, professora da Universidade Estadual de Campinas, especialista e estudiosa da obra benjaminiana, com *O que é a imagem dialética?*, foca uma questão primordial na obra do filósofo alemão. A imagem dialética, afirma Gagnebin analisando não só os escritos de Benjamin, mas fazendo uma espécie de arqueologia das relações entre imagem e memória, é “aquela que conjuga passado e presente, sem ser só passado ou só presente, como é possível constatar em algumas passagens das teses e na emblemática descrição que o filósofo faz do anjo da história.”. *Aparições e eclipses do mito de Ulisses na civilização latino-americana* é o detalhado ensaio de José Emilio Burucúa, professor de História na Universidad Nacional de San Martín (Argentina), no qual o pesquisador busca indagar sobre o

2. Maiores informações sobre o IV Colóquio de História e Arte, assim como os eventos anteriores, estão disponíveis no site www.labharte.ufsc.br.

mito do herói grego no imaginário dos conquistadores espanhóis da América. Ao conduzir tal investigação Burucúa é levado aos conquistadores portugueses: “Apesar de termos descoberto que as referências a esse mito foram feitas pelos portugueses para aventar qualquer possibilidade de comparação entre as aventuras fantásticas da *Odisseia* e os fatos autênticos da exploração e da aquisição territorial lusitanas na América do Sul, na África e na Ásia, digamos que a história de Ulisses estava dentro da cabeça dos historiadores e dos poetas de Portugal e era tão poderosa que poderia alentar a comparação entre o mito e a realidade”.

As discussões sobre imagem e memória, durante os três dias do evento foram direcionadas a partir das seis temáticas que serviram como guias dos debates. *Imagem e memória: a arte da montagem* propõe uma reflexão contemporânea, perpassando pela discussão do museu, pela experiência e obra significativas do pintor Xul Solar e, por fim, por uma aproximação entre Bispo do Rosário e Marcel Duchamp. *O museu das insignificâncias: a memória, a arte e os restos da derrota*, de Maria Angélica Melendi, já nas linhas iniciais aponta claramente o seu interesse: “Não é o museu o que me interessa, o que me interessa são as insignificâncias e sua existência precária”. Propondo um percurso por museus, que também veem a grandeza no pequeno objeto aparentemente insignificante, passando pelo *vintage*, para Melendi as motivações do trabalho artístico contemporâneo, e porque não a sua força, estão justamente nos objetos, do cotidiano, “sem valor” e nas suas insignificâncias. O texto de Maria Bernardete Ramos Flores, *A reabilitação da serpente no criollismo de Xul Solar*, com o olhar atento do pesquisador, traz à luz as experiências europeias de Xul Solar, seu ideal *criollista* e foca na emblemática imagem da serpente, presente em uma série de quadros. Para a estudiosa, o pintor argentino descobre “o potencial primitivista da cultura pré-colombiana durante sua permanência europeia”. E é, nessa perspectiva, que na sua obra a “serpente transforma-se em barca mais uma vez, mas desta vez sua viagem dá-se na direção oposta dos conquistadores”. *Duchamp soube viver: Bispo morrer*, de Fernando Chiquio Boppré, “encerra” as discussões sobre a arte da montagem. Boppré, ao analisar as práticas de ambos os artistas, coloca em evidências os modos diferentes de “sentir e representar o mundo” que delineiam poéticas singulares e

não convergentes. A morte relacionada ao Bispo desde o título, não necessariamente representa o fim, o ponto final; na verdade, ao recuperar a figura do escrivão de Melville, Bartleby, com a clássica resposta “preferia não fazê-lo”, Boppré potencializa a figura e a obra de Bispo do Rosário.

A segunda linha temática, *La cautiva: imagem e texto*, problematiza essa obra de fundação por meio de três diferentes perspectivas. Fábio Francisco Feltrin de Souza, em *Espectrografias da nação: o “eu” e o “outro” no discurso fundacional da Argentina*, propõe a análise transdisciplinar que une literatura e pintura. Os protagonistas dessa leitura são Monvoisin, Rugendas, Sarmiento e Echeverría. Fábio Feltrin destaca nesse trabalho as “oposições entre civilização e barbárie, cidade e campo, unitários e federalistas, Europa e Arábia, Buenos Aires e o pampa”. A figura de Raymond Monvoisin está também presente no ensaio de Maraliz de Castro Vieira Christo, *Mulheres cativas na pintura de Raymond Monvoisin*. O tema das cativas exerce um poder de sedução como coloca Maraliz Christo: “O tema das cativas seduzirá não só estrangeiros como Rugendas e Monvoisin, mas artistas locais como o uruguaio Juan Manuel Blanes e argentino Angel Della Valle [...]”. O interesse de Monvoisin por dramas femininos, aqui, é visto a partir desse novo território que é a América Latina. Todavia, segundo a autora, o olhar do pintor explora o exótico e apresenta “o povo americano com extremo pessimismo, impedindo qualquer leitura positiva da América Latina”. O poema *La cautiva*, um dos textos fundacionais da Argentina, é o foco do estudo, “*Sueños brillantes de la inquieta fantasía*”: fronteiras, espaços e tradições literárias a partir de *La Cautiva de Esteban Echeverría* (1837), de José Alves de Freitas. O olhar de Freitas vai em busca de identificar e refletir sobre as imagens propostas nessa obra em relação às questões político-culturais que marcaram toda a região platina na primeira metade do século XIX. Como afirma o autor: “[...] a escrita de Echeverría contribuiu para estabelecer na gênese da Argentina contemporânea algumas das imagens mais inquietantes de todo panteão literário daquele país e relido nas artes plásticas e no cinema [...]”.

Imagem, museu e memória é mais uma linha temática que tenta contemplar, sem exaurir como seria impossível, as discussões propostas pelo IV Colóquio. A imagem do Palácio Capanema, no Rio de

Janeiro, é o personagem principal do texto de Maria de Fátima Piazza. Em *O Palácio Capanema: da charge a monumento nacional*, a professora trabalha com a bipolaridade dessa construção arquitetônica: de um lado, a imponente, a seriedade e modernidade das linhas, do outro a irônica e satírica repercussão da construção do edifício nas revistas e periódicos. Afirmo Piazza: “Apesar de ser reverenciado como um marco arquitetônico do século XX, de ter sido monumentalizado e de ser figura obrigatória nos livros de arquitetura brasileira e internacional como um ícone modernista, também, no período da sua construção e inauguração passou a ser objeto de expressões gráficas de humor, ocupando espaços na imprensa sob a forma de charges e caricaturas”. Da era Vargas para a reflexão sobre a arte contemporânea, uma das preocupações de Emerson Dionísio Gomes de Oliveira, no estudo *A História da Arte na ausência da Imagem da Arte: uma questão para acervos museológicos contemporâneos*. Os desafios da arte contemporânea para os pesquisadores, as mudanças de paradigma e os novos conceitos são o fulcro do interesse de Oliveira nesse texto. De fato, o desafio do arquivo e da compreensão está colocado, para os historiadores da cultura e da arte, diante de obras “que primam pela efemeridade”. Segundo Oliveira, “estamos diante de obras que, a seu modo, anulam seu próprio registro como elemento de apresentação, mas, concomitantemente, apresentam-se como ideia-conceito por meio do registro. São criações que problematizam a relação entre a reapresentação memorial dentro e fora das instituições”.

Num colóquio dedicado à imagem, não poderia deixar de ser contemplada a especificidade da imagem cênica. Com efeito, o teatro com todas as suas peculiaridades é abordado a partir de três textos em *Imagem cênica e memória*. Vera Regina Martins Collaço, em *Registros Cênicos: subsídios para a construção da cena*, relata criticamente a experiência da pesquisa e utilização de fontes imagéticas do passado para a montagem de um espetáculo de Teatro de Revista em 2010-2011. Para Collaço as imagens são fundamentais no mapeamento e reconstrução da escrita cênica de uma peça desse gênero encenada na contemporaneidade. As imagens do passado que revivem no tempo presente (tempos). Pensado o teatro, mas numa outra perspectiva, na sua intensa relação com a literatura, Maria Helena Werneck analisa alguns espetáculos do grupo português *O Bando*, em *Memória*

e registro da cena em vídeo: fragmentos de teatralidade. Werneck enfatiza a importância do conjunto para a pesquisa: “[...] ir ao arquivo é uma etapa a cumprir, não só quando se assistiu aos espetáculos em análise, mas também quando não se conta com a memória de espectador, saltando-se imediatamente para as tomadas em fotografia e em vídeo da encenação, a serem cotejadas [...]”. Leitora de Didi-Huberman, Werneck retoma as considerações sobre a sobreposição e cruzamento de tempos na imagem, assim, na sua análise das encenações selecionadas de *O Bando*, a autonomia e a autoexplicação saem de cena e abrem espaço para a tarefa do “pesquisador colecionador”. A *Companhia Walter Pinto*, cujo arquivo faz parte do acervo da Funarte, é o tema do ensaio de Filomena Chiaradia, *Iconografia teatral: novos discursos para a história da cena*. O trabalho com o acervo da *Companhia Walter Pinto*, teve parâmetro o estudo da *Companhia de Eugénio Salvador*, de Portugal. A análise das fotografias de cena, aquela que retrata a cena em si e o “modo de produção teatral” foi para Chiaradia um passo primordial para se pensar o arquivo.

Trazer todas essas discussões no IV Colóquio, no século XXI significa, entre outras abordagens, pensar na barbárie que marca o século XX, *Memória e testemunho – imagens da violência* é a quinta temática proposta para os conferencistas convidados. A discussão de Jean Luc Nancy (2002) sobre a violência das imagens e sobre as imagens da violência está nos dois próximos textos. Pensar o período da resistência italiana e as imagens literárias produzidas são reflexões que norteiam o texto *Memória e ressemantização da Resistenza: as imagens literárias de Elio Vittorini*, de Patricia Peterle. Um momento crucial para a história política e cultural italiana, no qual as subjetividades são questionadas e a “forma-de-vida” (Agamben 2011) pode ser uma potência. “O afastamento e isolamento depois da experiência limite, marcada pela tensão e medo, fazem com que Vittorini reflita e leia aquele momento do presente sob uma dupla perspectiva a da aproximação e a da distância.”. Elementos do policial da modernidade e da atualidade nas artes são discutidos por Karl Erik Schollhammer, em *A cena do crime – um palco do contemporâneo*. Logo no início do artigo, Schollhammer afirma: “A popularidade do gênero mostra que a “cena do crime” ocupa um lugar de preferência na encenação da realidade contemporânea pela mídia”. Perpassando pela literatura,

E. A. Poe, J. L. Borges, R. Fonseca, até chegar nas artes plásticas com a produção de Rosângela Rennó, o autor aponta para um deslocamento e para a potência transgressiva do trauma. Sobre o trabalho de Rennó, diz Schollhammer: “A apropriação das fotografias não é feita por uma perspectiva exterior de discussão e debate crítico, ela é feita de modo a acentuar os vazios e não-ditos do ocorrido no seu momento de desaparecimento”.

A sexta e última temática, *Memória e testemunho: cinema e literatura*, é dedicada mais uma vez às interlocuções entre as artes, uma característica que marca e perpassa todos os ensaios da presente coletânea. Em *Memória e testemunho: cinema, literatura e história*, Adriano Luiz Duarte busca traçar o percurso intertextual das narrativas fílmicas e literárias, entre o filme *Rashomon* (1950), de Akira Kurosawa, e o conto *De dentro do bosque* (1921), de Ryunosuke Akutagawa. Para Duarte, “Temos portanto a mesma história em três tempos dramáticos distintos: primeiro, no século XII [...] Segundo, nos anos 20, com o fim do feudalismo e as implicações de uma revolução industrial tardia, como conto exemplar. E terceiro, nos anos 50, com o fim da guerra e os dramas e angústias da reconstrução, como conto existencial”. Nessa análise, para o estudioso, a obra de Akira Kurosawa tem uma “aura” especial já que conseguiu trabalhar as lacunas e os vazios que são próprios da literatura. A identidade é uma questão presente no trabalho de Alexandre Montauray, *Partilhas do real, paisagens do comum*. As relações pós-coloniais no mundo lusófono estão no centro da narrativa *Desmedida – Luanda, São Paulo, São Francisco e volta: crônicas do Brasil*, do escritor luso-angolano Ruy Duarte de Carvalho e são o foco da análise de Montauray, que defende a especificidade da situação da cultura lusófona: “a noção de pós-colonialismo se radicou na atuação reflexiva e discursiva contemporânea, e, através da enorme bibliografia que lhe tem sido dedicada e de resultados de trabalhos já visíveis, se tornou um campo decisivo da nossa atividade de estudo, de pesquisa e de experiência cultural. Resta, entretanto, que seja examinada como uma noção fundamental a ser particularizada no âmbito das culturas de língua portuguesa e que se realize como um vigoroso desafio da literatura comparada”.

Duas entrevistas realizadas durante os dias do evento encerram esse volume. A primeira, *Sobre memória, linguagem e teoria da*

História, feita a Jeanne Marie Gagnebin, por Arnaldo Haas Júnior, Eduardo Gomes Silva, Joachin Azevedo Sobrinho e Ricardo Machado, na qual a estudiosa e tradutora da obra de Walter Benjamin deixa mais um registro da sua atividade de leitora e pesquisadora. E a segunda, *Literatura, imagem e o contemporâneo*, feita a Karl Erik Scholhammer, por Arnaldo Haas Júnior, Eduardo Gomes da Silva, Joachin Azevedo Sobrinho, Oscar Gallo Vélle e Ricardo Machado, na qual além de falar da sua trajetória como pesquisador no Brasil, trata das relações entre o imaginário artístico e a violência.

As organizadoras, os autores que integram a presente coletânea e os participantes do evento agradecem as agências de fomento à pesquisa, a CAPES que vem apoiando o *Colóquio de História e Arte*, desde sua primeira edição em 2008 e ao CNPq que, com a concessão de Bolsas de Produtividade (PQ), tem apoiado grande parte das pesquisas apresentadas; à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e ao Programa de Pós-Graduação em História, da UFSC, que têm estimulado e apoiado o evento.

As organizadoras

Bibliografia

- AGAMBEN, Giorgio (2007). *Profanações*. Trad. de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo.
- _____. (2011). “Forme-di-vita”, in: ZANARDI, Maurizio *Comunità e politica*. Nápoles: Cronopio.
- BENJAMIN, Walter (1994). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- DIDI-HUBERMAN, Georges (1998). *O que vemos e o que nos olha*. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34.
- _____. (2003). *Images malgré tout*. Paris: Les édition de minuit.
- _____. (2011). *Écorces*. Paris: Les édition de minuit.
- NANCY, Jean Luc (2002). *Tre saggi sull’immagine*. Trad. De Antonella Moscati. Nápoles: Cronopio.

